



# Blumenau

*em Cadernos*

TOMO IV — DEZEMBRO 1961 — Nº 12

**BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
DE SANTA CATARINA S/A**

— INCO —

ITAJAÍ — Sta. Catarina

**FÁBRICA DE GAITAS**

**"ALFREDO HERING" S/A**

Comércio e Indústria

Caixa postal, 115 — Blumenau

**INDÚSTRIA TÊXTIL COMPANHIA**

**HERING**

Caixa postal, 2 — BLUMENAU

**FÁBRICA DE CHOCOLATE**

**"SATURNO"**

**M. Kaeser S/A**

Caixa postal, 55 — BLUMENAU

**A TODOS OS SEUS FREGUESES E AMIGOS**

**DESEJAM**

*Boas Festas Feliz Ano Novo*

**TECELAGEM KUEHNRINCH S/A**

Caixa postal, 59 — BLUMENAU

**EMPRESA FORÇA E LUZ SANTA**

**CATARINA S/A**

Caixa postal, 27 — Blumenau

**COMPANHIA COMERCIAL**

**SCHRADER**

Comércio e Representações  
Oficina mecânica

Caixa postal, 4 — BLUMENAU

**MALHARIA BLUMENAU S/A**

Caixa postal, 88 — BLUMENAU

**PREFEITURA MUNICIPAL**

**DE**

**BLUMENAU**

**SOCIEDADE AMIGOS DE**

**BLUMENAU**

**CASA DOUTOR BLUMENAU**

# BLUMENAU em CADERNOS

Tomo IV | DEZEMBRO DE 1961 | N.º 12

## NATAL

## ANO NOVO

### Mais um marco na trajetória de "Blumenau em Cadernos"



Com o presente número, chegamos ao fim do quarto tomo de "Blumenau em Cadernos".

Apesar das mil e uma dificuldades que fomos obrigados a superar durante o ano que se finda, sentimo-nos satisfeitos com os resultados alcançados.

A constante e exagerada alta do papel e da mão-de-obra, em sua maior parte, foi a responsável pelos tropeços muito sérios que encontramos nessa caminhada, forçando-nos, muitas vezes, a atos verdadeiramente heróicos para evitar a paralização das nossas atividades.

Felizmente, pudemos continuar contando com o auxílio das firmas anunciantes que, desde o princípio, nos deram mão forte e com o apóio e a preferência dos nossos assinantes e leitores, sempre solícitos em ajudarem-nos na tarefa bem árdua, sem dúvida, de conservar a revista nos mesmos ritmo e orientação mantidos desde o seu número de estréia.

A êsses anunciantes e leitores, pois, e ao nosso dedicado corpo de colaboradores intelectuais e auxiliares de redação, volta-se o nosso pensamento neste fim de jornada, para augurar-lhes Boas Festas de Natal e um próspero e feliz Ano Novo.

Que Deus abençoe a todos e a todos cumule de graças, centuplicando-lhes em bens de saúde e de fortuna o muito que teem dado pela coletividade.

Ao governo do município, pelo seu digno prefeito e pela ilustre e operosa câmara de vereadores, também expressamos daqui com o nosso sincero reconhecimento, os votos de um ano cheio de iniciativas úteis a Blumenau e à sua gente que tanto e tão justamente confia nos seus dirigentes.

A todos

BOAS FESTAS

FELIZ ANO NOVO

# A VIDA DE BLUMENAU HÁ 60 ANOS

Oto STANGE

(Tradução de Frederico Kilian)

(CONTINUAÇÃO)

Assim meditava a Sra. Pauli, debruçada no peitoril da janela que servia de moldura às suas exuberantes formas femininas. — Atravessamos a esquina da entrada do Bom Retiro mais conhecido por “Jammertal” e avistamos o sr. Ferdinand Schadrack ganhar em poucos lances o outro lado da rua, entrando em seu jardim e atravessar a pequena horta defronte à casa, esfregando, como sempre, suas mãos. Também seu vizinho, Carlos Rothbarth tem um bom espaço ao redor de sua casa para flores e legumes, mas quem cuida disso é sua esposa, pois êle tem outros afazeres. — Ping-pêngue, ping-pêngue, ouvimos o alegre martelar do mestre caldeireiro Georg Hiendlmayer, nosso velho amigo. Defronte da sua oficina, encostada ao barranco da rua achava-se um caldeirão e um enorme alambique com seus canos espirais, para consêrto. Ao lado da porta da oficina, parafusados em pranchões, estão duas bombas novas, para água, recém-pintadas, prontas para serem entregues, pois o mestre Hiendlmayer é um competente construtor de bombas de todos os tipos, tanto as de simples sucção, como as combinadas para pressão d'água à apreciável altura. Um pouco mais retirada da oficina, escondida atrás de rozeiras e pés de camélias e trepadeiras, achava-se a residência do caldeireiro Hiendlmayer. Seu vizinho Carlos Rothbarth vem saindo de sua casa e atravessa de forma segura a rua, com sua perna de pau afivelada no joelho dobrado, calçando tamanco no outro pé. Cumprimenta seus fornecedores italianos que trouxeram fumo em fôlha para sua fábrica de charutos e seu depósito de fumo. Uma carroça, puxada por quatro cavalos, já foi descarregada e está saindo do portão da fábrica. Mais adiante, numa pequena casa baixa lê-se “Depósito de Tricotagem — Gebrueder Hering”. Assim como a fábrica de charutos de Rothbarth é também de baixa construção a casa entre esta e o depósito dos Hering, uma pequena adega. Antigamente na casa de depósito estava instalada a fábrica de tricotagem, que hoje se ergue no final do vale do Bom Retiro. Esta pequena casa à rua principal de Blumenau, foi o bêrço da indústria têxtil do vale do Itajaí, pois foi ali que os irmãos Hering iniciaram esta indústria e há poucos anos atrás tanto Papá Hering como Tio Hering manejavam ainda os teares que eram movidos à força humana. Agora, porém, usam a força hidráulica fornecida por uma roda d'água instalada numa pequena queda do Ribeirão Bom Retiro, que move os teares, as máquinas de costura etc... Apenas construídas há poucos anos, já se tornam insuficientes as instalações pois o produto é ótimo e muito procurado e as boas camisas Hering são procuradas e compradas em todos os recantos do Estado e até no sul e norte do país. Um genro do velho Papá Hering, o Sr. Ernst Steinbach e sua jovem esposa é que cuidam do depósito e do negócio do centro da cidade. Os demais filhos do Papá Hering estão trabalhando na fábrica, exceto Paulo, o pintor. Agora mesmo, o Sr. Steinbach sai de sua loja e dirige-se ao bar vizinho, de Oscar Gross, para um pequeno bate-papo, pois é sábado à tarde e neste dia sempre se reúnem alguns bons amigos no bar do Gross, para saborearem uma boa cerveja do Jennrich, do Hosang, ou do Rischbieter, segundo o gosto ou a preferência de cada um. Aliás, o carro de mola do Sr. Carl Rischbieter já está parado em frente ao bar do Gross e seu dono já se acha sentado com alguns amigos numa das mesas, tendo à sua frente a sua cerveja preferida, a “Kleine Swarze” (a pretinha). Também seu amigo, o farmacêutico Brandes aprecia a “Swarze”, dizendo que faz esquecer depressa as mágoas e é um bom fortificante. Aos presentes reúne-se agora o Sr. Paulo Husadel, recentemente chegado de uma viagem à Alemanha, que naturalmente tem uma porção de novidades a contar. Enquanto Husadel relata as passagens mais interessantes de sua viagem, não esquecendo de comunicar que trouxe muitos novos artigos a preço convidativo, Oscar Gross se acha empenhado com “Gazosen-Schossland” o fabricante de refrigerantes, numa renhida partida de bilhar. Havíamos esquecido de comprar algo na livraria de Currlin e por isso voltamos até à casa de negócio d'este,

que fica entre a casa de Schdrack e Rothbarth. Nesta caminhada passamos pela casa da Sra. Brockes, dona de uma loja de chapéus e modas de senhoras. Escutamos como a senhora Brockes, sentada no banco lateral da pequena varanda de seu negócio, conta à sua vizinha, a Senhora Kleine, dos êxitos que teve com a exportação de canários de sua criação os quais havia levado pessoalmente à Alemanha, auferindo um bom lucro com êste negócio. Seria mesmo tão lucrativo assim, acompanhar êstes pequenos cantores na longa travessia sôbre o oceano? Quem sabe? Mas não somos tão curiosos assim para averiguar isto.

Subimos os oito degraus da escadaria defronte à livraria do Sr. Eugen Currilin. — O Senhor deseja? — Algumas vistas de Blumenau, naturalmente. — Tenho aqui a Rua das Palmeiras, a Casa dos Atiradores, a Ponta do Garcia, aqui uma vista geral do Morro do Aipim, aqui outra da Rua principal, com o canal do Blohm no início, aqui o porto de Blumenau com o vapor "Progresso" e veja só como é nítida, reconhece-se o Comandante Gustavo Hacklaender em conversa com o primeiro maquinista José Gall. Custam apenas trezentos reis cada, mandei fazê-los na Alemanha. — Escolhi alguns postais e me despedi — Até logo, obrigado! —

Novamente na rua, vimos parar ao lado da farmácia Brandes o sub-fiscal Wehmuth, montado em sua mula, carregada ainda com dois malotes de couro, um de cada lado e por cima as balizas de madeira com pontas de ferro, os mesmos apetrechos que também sempre traz consigo seu chefe o fiscal-geral Ebert que mora em Fidelis. — G. Artur Koehler estava justamente sentado perto da janela, experimentando sua nova máquina de escrever, vinda da Alemanha. Homem de pouca paciência e ainda menor experiência na arte da datilografia, irritava-se constantemente quando seus dedos gordos e curtos não acertavam logo o tipo visado ou não achava logo a letra desejada, pois a disposição destas era outra do que na caixa tipográfica. Vez em quando se ouvia seu praguejar até à casa de Hermann Hering. Afinal desiste e aparece à porta de sua livraria. — Alô, Sr. Wehmuth, quando o vejo assim sentado na mula, lembro-me de meus tempos como caixeiro viajante, lá no sul, quando também passava dias e semanas viajando de um lugar para outro montado em uma mula, só que não levava estas balizas, mas duas malas cheias de amostras. Belos tempos aquêles. — Mas o que há de novo? — Nada de importante, Sr. Koheler, replica Wehmuth, estive última semana medindo terras na Velha Alta. Mas a coisa lá não está nada boa. Os bugres parece que vieram do outro lado do "Spitzkopf" e deram sinais de sua presença. O pessoal na Velha Alta e no Encano Alto estão atemorizados, receiam um assalto dos nativos. No Alto Warnow êstes patifes já andaram saqueando os colonos, conforme me contaram alguns moradores que conseguiram escapar por uma picada recém-aberta. O Sr. Ebert acha que o Sr. deveria escrever êstes fatos em seu "Urwaldsbote", para que a população se precavesse e as autoridades tomassem alguma providência. — É mesmo, lastima o Sr. Koehler, sempre êste perigo dos Bugres nas zonas novas da colonização, Creio que não há outro remédio do que chamar o Martins com sua turma para dar uma batida no mato e um corretivo nestes malfeitores, só que não devia fazê-lo de forma tão desumana. Sua simples presença nas zonas mais arriscadas já basta para afugentar os bugres e a destruição de seus ranchos desertos completaria sua missão. Bem, muito obrigado pelas notícias. Vou logo à casa do Fouquet para que êle escreva um artigo sôbre êste assunto. Também devemos mandar um relatório para Destêrro. O Governo deve ficar ao par dos acontecimentos e ajudar os colonos e defendê-los das investidas desta corja de bugres. Hermann Hering que estava postado em frente ao seu negócio e ouviu a conversa, confirmou, dizendo: Meu irmão Georg veio ontem da Ilse e também falou que nos fundos do Ribeirão Ilse encontraram sinais dos bugres e também viram bem nítida a pisada do "Pé Grande". Êste sujeito deveria usar no mínimo calçado número quarenta e oito. — É interessante saber isto, disse Koehler e voltando-se para dentro de seu negócio, gritou: Elisabeth, eu vou ligeiro dar um pulo até ao Fouquet. Até outro dia, Sr. Wehmuth, passe um bom domingo. — E lá foi êle em seu andar elástico de atleta, passou pelo sobrado do Sr. Gustav Baumgart e na seguinte casinha, bateu na janela, pois era ali que morava seu redator, Sr. Eugen Fouquet. Conversou com êste, enquanto o Sr. Gustav Baumgart passeava calma-

mente, de passos largos e mãos nas costas em frente à sua casa, pois ainda não era hora de fechar o negócio. Na volta o Sr. Koehler deparou com Papá Hering e Tio Hering que se dirigiam ao Clube ao lado da casa de Paulo Hering, e vinham de carro de mola de sua fábrica no Bom Retiro. Apressadamente Koehler lhes conta o que acabara de ouvir, a respeito dos bugres. Paulo Hering que aparece por detrás de sua casa escuta atento o relato e Tio Hering comenta: Desta forma o nosso "Lombo de porco" (Schweinerücken) também não estará mais seguro para umas caçadas. — Qual o que, retruca Papá Hering, sempre otimista, creio que não precisamos nos preocupar; o "Lombo de porco" os bugres já deixarão em paz; afinal o nosso Dr. Blumenau há 50 anos atrás se viu numa situação muito pior, pois os bugres lhe fizeram uma visita inesperada aqui na embocadura do Ribeirão da Velha e éle, por isso também não fugiu. — Como é, Artur, vamos entrar um pouco e tomar uma cervejinha? — Não, muito obrigado, vocês sabem, estou muito ocupado e, com a nova máquina de escrever ainda não estou bem familiarizado; mas enfim, pelo menos o que escrevo agora, qualquer um pode ler, pois minhas garatujas eu mesmo em geral não decifrava mais. Divirtam-se bem. Até amanhã, lá atrás, quando nos veremos no "Skat", tenho que dar revanche ao Hermann Mueller que me depenou à última vez. — Despediram-se rindo e também nós nos despedimos, prosseguindo em nossa caminhada. Logo adiante cumprimentamos o velho Lueders (conhecido pela alcunha de Korsett-Lueders) e sua esposa, que aproveitavam a tardinha para regar ainda suas flôres em frente da casa.

O advogado Thomé Braga, (apelidado o "Nussknacker" (quebra-nozes) vem com suas pernas curtas atravessando a rua, para uma ligeira conversa-fiada com o Juiz de Direito, Dr. Ayres de Albuquerque, pois sábado à tarde não se fala de assuntos forenses. — Bôa tarde, seu vizinho — Bôa tarde, seu Thomé, como tem passado? — Obrigado, muito bem. Nós também cumprimentamos os dois respeitosa-mente — Boa tarde, doutores e entramos na venda do Sr. Freygang, para lhe fazer uma rápida visita e sorver um dos seus bons licôres que fabrica há muitos anos. — Uma boa mistura, Sr. Freygang. — É, diz éle, e tudo com essências naturais, nada de produtos químicos — puxando seu pequeno cayanhaque.

Lá do alto da tôrre da igreja católica, ouvem-se os sinos, dando a "Ave Maria". Seis horas. Os pequenos sinos da capela do Convento também ressoam, dando um conjunto harmonioso. Até logo, Sr. Freygang, não podemos mais demorar, si não queremos chegar noite escura em casa. Passamos de frente da escada comprida que leva à porta da Matriz e seguimos pelo muro do terreno dos Franciscanos, dando uma olhadela para o convento. Não param de construir êstes frades, sempre aumentando, uma ala após outra e lá para os fundos possuem até uma serraria, com oficina de marcenaria e um moinho de fubá, para moer a farinha necessária para o pão. Do lado do rio umas corujas saem dos seus esconderijos do tôpo das árvores. Podiam mandar roçar um pouco êste barranco, só capim e capoeira e algumas bananeiras e nada mais até a casa de Luiz Altenburg, com seu negócio de ferragens.

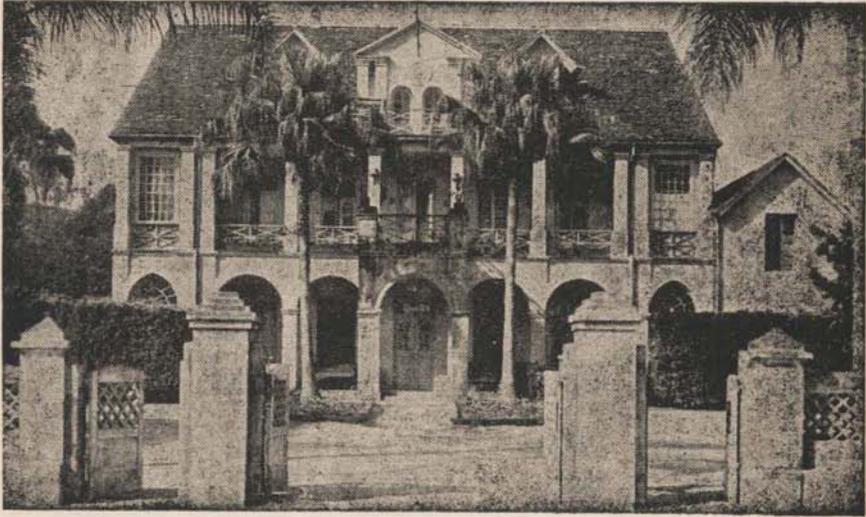


**S**eis caboclos e alguns colonos, a 30 de dezembro de 1852, batem os matos em redor da colônia recém fundada de Blumenau, em perseguição dos bugres que, dois dias antes, haviam atacado o rancho em que morava o dr. Blumenau, à margem do Ribeirão da Velha. Não se encontrou senão um ou outro pouso abandonado pelos selvagens. No dia seguinte, o então capitão José Henrique Flôres, grande latifundiário da região (que depois foi vereador e presidente da Câmara de Itajaí) compareceu ao local para providenciar outras medidas tendentes a evitar nova visita dos bugres.

# LA MAISON DE JOINVILLE

O Palácio dos Príncipes de Joinville e a sua história.

Carlos FICKER



O Palácio dos Príncipes e as Palmeiras Reais são expressões características da vida de Joinville. Nós acostumamos a olhar a majestosa alamêda, que inspirou ao povo o nome sugestivo e simples “Rua das Palmeiras” e ao fundo o palácio patriarcal, contemplando um século da vida joinvillense.

As palmeiras lá do alto, ficam dominando a cidade, com reflexos brilhantes do sol na copada inquieta das suas fôlhas.

Perguntamos quem as plantou, quem construiu o palácio — e não recebemos resposta. Perguntamos a data da construção e a idade das palmeiras — ninguém responde. Encontramos finalmente em livros antigos publicados sôbre a história de Joinville o nome Friedrich Mueller como arquiteto e a data de 1872 como ano de construção. Realmente informações escassas e pobres para tão belo símbolo da cidade dos príncipes.

Entra agora o Palácio dos Príncipes no foco da iluminação com a instalação oficial do “Museu Nacional de Imigração e Colonização” neste velho prédio, que em breve sofrerá os necessários melhoramentos para a adaptação às suas novas finalidades. Muito natural que interesse a data da construção documentada. Existem as plantas originais, amareladas pelo tempo, no Domínio Dona Francisca, porém sem data. Não encontramos documentos em relação à construção do palácio, apesar das buscas minuciosas nos arquivos.

Sabendo que o “representante dos Príncipes” em Joinville na época era o Snr. Frederico Bruestlein e os “Administradores dos Bens da Casa Orléans” a firma Edouard Bocher em Paris a cujo endereço o re-

presentante em Joinville enviou tôda correspondência, balanços e relatórios em relação ao "Domaine", nada mais natural que a procura de qualquer informação sôbre a construção do Palácio dos Príncipes no destinatário desta correspondência — E. Bocher, em Paris.

O espaço limitado não permite revelar as mil dificuldades em descobrir pequena parte da correspondência, espalhada pelo tempo nos arquivos de diversas cidades da França. Devo as cópias e transcrições que se referem à construção da "Maison de Joinville" ao trabalho abnegado e incansável dum parente que vive na França.

O Palácio dos Príncipes não foi construído e terminado no ano de 1872 e tampouco as Palmeiras Reais foram plantadas neste ano. Convem sejam retificadas as opiniões dos nossos historiadores regionais e reveladas as datas históricas confirmadas.



O Snr. Frederico Bruestlein, em 15 de outubro de 1865 assumiu o cargo de representante do Príncipe de Joinville e do Duc d'Amale nesta cidade. Encontrou a velha casa de administração em estado deplorável, o madeiramento do terraço apodrecido e meio caído e... "en outre, les termites sont dans la maison d'habitation..."

O antecessor do Snr. Bruestlein, Snr. Emile Mathorel, que pediu sua demissão do cargo de representante do príncipe e partiu da Colônia Dona Francisca em julho de 1865, já em fevereiro de 1864 mandara fazer um orçamento de reforma da casa e de certo levou um susto muito grande quando êste foi apresentado pelo empreiteiro Snr. F. Schumann. Entre material e mão de obra para serviços de pedreiro, carpinteiro e marceneiro, importava o orçamento em 770\$280 Rs. A velha casa de administração era realmente "bichada". A reforma não foi executada e o Snr. Frederico Bruestlein recebeu a casa do Snr. Mathorel neste estado.

Já no seguinte ano de 1866 encontramos o primeiro indício da intenção do Snr. Bruestlein de construir nova casa de administração. Em carta datada: Joinville 8 de abril de 1866, o Snr. Adolph Haltenhoff confirma o recebimento da planta para a nova casa... "e depois de estudado minuciosamente êste belo projeto e pensando novamente, cheguei à conclusão que estou plenamente de acôrdo de não modificar nada na dita planta." O Snr. Haltenhoff em 1866 era pessoa de destaque na Colônia Dona Francisca. Sendo doutor em direito e advogado, imigrou para esta colônia em 27 de setembro de 1851 como imigrante N.º 381, como "Inspetor e chefe da contabilidade" da Diretoria da Colônia. Veio a bordo do veleiro "Graciosa" acompanhado de sua mulher e 3 filhas, Maria, Louisa e Anna. Estas 3 moças em 1852 e 53 casaram-se com homens de maior projeção na Colônia Dona Francisca: Snr. Léonce Aubé, Friedrich Heeren e Georg Adolph Otto Niemeyer. Em 1854 o Snr. Haltenhoff é eleito Juiz de Paz e em 1863 Subdelegado durante 3 anos. Nomeado "Agente da coletoria de rendas de São Francisco do Sul" para cobrar os impostos em Joinville, o Snr. Haltenhoff ao mesmo tempo é proprietário duma olaria para fa-

bricação de tijolos e telhas em 1866. A maior parte de tijolos empregados na construção da "Maison de Joinville" eram de proveniência da olaria do Snr. Johann Adolph Haltenhoff.

O administrador dos bens do Príncipe de Joinville na França estava de acôrdo com o projeto, pois em 13 de outubro de 1866 encontramos no orçamento para 1867 a verba de 10 contos de réis destinada "pour la maison neuve".

Escolheu então o Snr. Bruestlein o terreno apropriado para a nova construção. A habitação antiga achava-se no terreno de Sua Alteza Real o Príncipe de Joinville, uma área de 100 x 100 braças quadradas com as seguintes confrontações: frente para a "Ziegelstrasse", hoje Rua do Príncipe com 100 braças, travessão dos fundos (Este) acompanhando mais ou menos a atual Rua Rio Branco; pelo lado norte com 100 braças enfrentando a "Hafenstrasse" hoje Rua 9 de março e no lado sul confrontou com terras do Snr. Bernhard Poschaan Jnr.

Esta vasta área, hoje o coração da cidade de Joinville, em 1851 foi adquirida pelo Snr. Léonce Aubé, representante do príncipe. Sabemos que a área que forma hoje o centro da cidade, nos primeiros planos da colonização absolutamente não era destinada à formação da "Cidade Joinville". O local predestinado para a futura cidade encontrava-se no atual final da Rua Inácio Bastos, entre as Ruas Morro de Ouro e Av. Cel. Procópio Gomes. Em todos os primeiros mapas até 1853 encontramos esta área com os dizeres "Stadt Joinville".

A venda dos primeiros lotes de terra no local da atual cidade era com a finalidade puramente agrícola e colonial. Porisso a primeira aglomeração de casas na área do "Mathiasbach" era chamado "Schroedersort" e bastante longe da futura cidade Joinville. Temos um motivo muito plausível para que a Sociedade Colonizadora em Hamburgo não iniciasse a venda de lotes no local previamente destinado à cidade: conforme o contrato firmado entre o Príncipe de Joinville e a Sociedade Colonizadora existia a cláusula que na futura cidade de Joinville o Príncipe tinha o direito a uma área central de 5 hectares!

Já em 1852 o então diretor da Colônia Dona Francisca, Snr. Benno von Frankenberg resolveu denominar definitivamente o local da primeira colonização "JOINVILLE" em de Schroedersort, desistindo a Sociedade Colonizadora do plano de instalação da cidade em outro lugar. O Príncipe de Joinville não abriu mão do seu direito dos 5 hectares no centro da cidade e, em 1.º de abril de 1855, a área adquirida pelo Snr. Léonce Aubé foi transferida ao nome do príncipe em forma de escritura definitiva (Kaufbrief). Em abril de 1860 o Snr. Léonce Aubé pediu demissão do cargo de representante do príncipe e ao mesmo tempo de "Diretor da Colônia" que exercia desde fevereiro de 1856. O Snr. Emile Mathorel, próximo representante do príncipe e do Duque de Aumâle, adquiriu mais um hectare de terra, ligando com esta compra o terreno do príncipe com o rio Cachoeira.

Era esta a situação, quando em 1866 o terceiro representante do príncipe, Snr. Frederico Bruestlein, desenhou a planta da nova casa de administração e escolheu o lugar mais alto para a futura construção no terreno do príncipe. Era o Snr. Bruestlein engenheiro diplomado,

agrônomo e químico, homem notável que dedicou a sua vida à Casa d'Orléans e à Colônia Dona Francisca. Nascido em 25 de maio de 1835 em Muehlhausen na Alsácia, já com a idade de 30 anos assumiu a administração dos bens e dos negócios do Duque de Aumâle e da Casa d'Orléans em Joinville. A Serraria do Príncipe, a usina de açúcar em Pirabeira, uma olaria e principalmente o arrendamento e a venda de terrenos do príncipe exigiram todos os seus esforços, culminando com a chamada ao pôsto de Diretor da Colônia em 1875. Joinville deve muito a êste homem que veio a falecer em 1911: a primeira rêde de água potável, a primeira ligação entre Joinville e São Francisco do Sul por meio de lancha a vapor, 1886 presidente da Câmara Municipal, 1888 Deputado em Destêrro e primeiro superintendente da municipalidade de 1895-1898. A primeira retificação do Rio Cachoeira é obra do Snr. Friederich Bruestlein... e a construção do "Palácio dos Príncipes".

Em carta de 24 de setembro de 1866 ao "Monsieur Edouard Bocher, Administrateur des biens et affaires de la maison d'Orléans — Paris," o Snr. Bruestlein faz as primeiras observações sôbre a escolha do local da futura "maison de Joinville" e o terreno encharcado e pantanoso, formando uma camada pastosa no sub-solo: "...enfin la position actuelle sur un terrain aboutissant á la rivière et prête á toutes les entreprises que S.A.R. jugera utile de faire ici. En outre, j'ai commencé les travaux d'assainissement du sol sur lequel je dois bâtir, car j'ai emploie les 6 hectares de terrain que S.A.R. possède ici et partout le sous sol détrampe par l'eau, comme j'ai déjà en occasion de le dire est presque en pâtre et n'a pas une réistence suffisiente..."

Outra carta de 1.º de maio de 1867 endereçado ao velho professor de química em Paris, Prof. Joseph Baussingault, prova o início da obra: "...ando preocupado com minha futura residência nova, neste momento estão trabalhando nos fundamentos. (...en ce moment on maçonne les fondations...)"



**E**m 1852, a 26 de dezembro, chega a Blumenau, em um grupo de imigrantes alemães, Franz Keiner que foi o nosso primeiro farmacêutico. Antes de abrir a farmácia (a população era ainda muito pequena), trabalhou na lavoura. KEINER era formado em Weimar, nascido em Neustadt, na Orla, em 1811. Veio com a espôsa e uma filha.



**O** prédio dos Correios e Telégrafos, na alamêda Rio Branco, em Blumenau, foi inaugurado a 31 de dezembro de 1927. Foi construído pelo industrial Curt Hering que o alugou ao governo federal, solucionando, dessa forma, o problema que então constituia o lamentável estado em que se encontrava a agência postal, em prédio acanhado, impróprio, no comêço da rua Itajaí.

## 31.º – DR. GERARD NEUFERT – (1935)

Em 1955, o sr. Hercílio Deeke renunciou ao cargo de prefeito municipal para empossar-se da cadeira na Câmara Federal, para a qual fôra eleito nesse ano.

O Legislativo Municipal, tomando conhecimento da renúncia, elegeu o dr. Gerhard Neufert, seu presidente, para completar o quinquênio do renunciante.

Neufert, que por dois quadriênios consecutivos fizera parte da Câmara Municipal como vereador, de 1948 a 1951 e de 1951 a 1955, procurou, na chefia do executivo, ultimar as obras iniciadas pelo seu antecessor e a realizar novos empreendimentos em benefício da coletividade.

Assim é que procedeu à abertura da rua Joinville e da estrada do bairro da Fortaleza, ao prolongamento da rêde de água às ruas Itajaí, Pastor Hesse e Almirante Borroso; à instalação da nova bomba de sucção "Pleuger" na estação de tratamento; à remodelação e organização interna do Hospital Santo Antônio. Adquiriu vários caminhões, inclusive os destinados à limpeza pública; reconstruiu várias pontes e a escola municipal de Nova Rússia, no Garcia; entabou negociações para a organização da planta de instalação da rêde de esgotos, pelo Departamento de Defesa Sanitária do Ministério da Saúde; contratou o levantamento aéro-fotogramétrico do município pelo Serviço Geográfico do Exército; mandou restaurar os túmulos de Otto G.K. Blumenau, filho do fundador da Colônia e do diretor interino desta, Hermann Wendeburg, túmulos que se encontravam em ruínas.

O dr. Gerhard Carlos Francisco Neufert nasceu em Curitiba, Paraná, a 1.º de março de 1917, filho do dr. Carlos Neufert e Elisabeth Repp. Formou-se pelo Instituto de Química, da Faculdade de Engenharia do Paraná, tendo, também, o curso de normalista feito na Escola Normal de Paranaguá.

Veio para Blumenau em 1939, exercendo, desde aquêlo ano, o cargo de engenheiro químico da Eletro Aço Altona S/A, de Itoupava Sêca. Foi, como dissemos, eleito vereador por dois períodos consecutivos. Em 1954 foi eleito deputado estadual para a legislatura de 1956 a 1959.

Como representante do povo, encaminhou vários projetos e proposições em benefício do Vale do Itajaí e mesmo de outras regiões do Estado.

Foi um administrador consciencioso e honesto, seguindo a tradição de nobreza e patriotismo que sempre caracterizaram os governadores do nosso município.



# A GRANDE ENCHENTE DÊSTE ANO

Cristiana Deeke BARRETO

O mês de outubro se iniciara sob uma cheia do Itajaí Açu que, a 28 de setembro, atingiu o seu nível máximo, 50 centímetros abaixo do da enchente dos dias 12 e 13 daquele mesmo mês (9,180).

De ambas as vezes as áreas baixas da cidade ficaram inundadas. Crescente volume d'água, em meados de outubro, deixou novamente apreensiva a população blumenauense, não chegando, entretanto, o nível do rio às proporções das vezes anteriores. A 25 de outubro ocorreu forte temporal, atingindo, principalmente, o bairro de Itoupava Seca, com ventos de velocidade calculada em 160 quilômetros horários, causando estragos à Estrada de Ferro Santa Catarina, tendo o comboio, que chegava de Trambudo Central a Itoupava, a locomotiva tombada, enquanto a do trem, procedente de Itajaí, descarrilhava; ambos os acidentes foram ocasionados pela grande quantidade de areia e pedregulho que o vendaval jogara sobre os trilhos.

Finalmente, no último dia do mês, registrou-se a mais desastrosa de todas as inundações verificadas nos últimos 50 anos e que, na madrugada de 1.º de novembro atingiu a cota máxima de 11m,88 na cidade.

Embora êsse nível ficasse mais de meio metro aquém do da enchente de agosto de 1957, que atingira a 12m,42 foi esta, devido às circunstâncias, a mais pavorosa das cheias ocorridas desde 1911, cuja cota, em Blumenau, chegou a 16m,60.

Na vizinha cidade de Brusque, aliás superou a recente inundação, até em volume d'água, à do início da segunda década do nosso século, subindo o Itajaí Mirim ao nível de 12 metros.

A calamidade foi geral em toda a região. Fortes enchurradas assolaram a bacia do Itajaí Açu e Mirim destruindo lavouras e arrastando, no ímpeto de sua violência, gado e criações, galpões, galinheiros e pocilgas, invadindo depósitos e inutilizando mercadorias e estoques de produção, dani-

ficando enorme patrimônio de obras públicas, como pontes, bueiros e estradas, interrompendo a comunicação entre as diversas zonas.

Em Rio do Sul, elevou-se o nível das águas a 12m,40, sendo atingidas mais de 600 casas. Em Taió, Ituporanga, Trambudo Central e Rio do Oeste o quadro de destruição foi calamitoso, como também na região do rio Hercílio, nos municípios de Ibirama e Presidente Getúlio. A cidade de Indaial, situada em local alto, não foi atingida pelas águas, mas outras regiões daquele município sofreram muito com o flagelo.

A população de Timbó, banhada pelos rios Benedito e Cedros, viu, pela primeira vez, algumas ruas da cidade debaixo das águas desses afluentes do Itajaí Açu. E êste, na altura de Acurra transbordou pela margem esquerda, chegando a suas águas até a cidade de Rodeio, destruindo, no recuo, a ponte que liga aquêle município às comunidades vizinhas.

Na manhã de 31, nas proximidades de Subida, enorme pedra desprendeuse do barro minado pelos aguaceiros e rolou barranco abaixo, mesmo na passagem do trem derrubando a locomotiva e causando a morte do maquinista, tendo o foguista conseguido saltar em tempo.

Nessa mesma manhã caiu uma tromba d'água na região montanhosa ao sul do monte "Spitzkopf" transformando todos os rios da vertente — Encano, Velha, Garcia e Gaspar, tributários êstes do Açu, assim como o Itajaí Mirim e seus afluentes e ainda aquêles além do divisor das águas pertencentes já à bacia hidrográfica do Tijucas, em caudalosas e destruidoras correntes. Transpondo os leitos respectivos, tudo devastaram na sua sinistra passagem, desviando-se, por vezes, do curso normal, abrindo novos leitos e forçando, nesse avanço, portas e janelas de casas mais resistentes, enquanto as construções mais frágeis eram completamente arrastadas e muitas, de madeira, eram

levadas, inteiras, para outros locais.

Um pobre operário do bairro da Velha, chefe de numerosa família, perdeu, como muitos outros, a casa e todos os seus pertences, tendo a correnteza arrancado ainda 15 metros de terra de sua pequena propriedade, despojando-o, assim, até do seu chão-de-casa. Os moradores da "Velha Grande" ficaram isolados por completo do resto da comuna, tendo sido completamente destruídas as quatro pontes ali existentes, danificados a estrada e os bueiros.

A zona mais atingida, segundo os respectivos dados, foi a do vale do ribeirão Encano, pertencente ao município de Indaial. Calcula-se que, apenas na extensão de 4 quilômetros tenha esse rio se conservado no leito natural, precipitando-se, de resto, com novo rumo, destruindo e arrasando tudo. Pela fúria das águas foram varridas 16 pequenas indústrias, serrarias e marcenarias, ficando colonos tradicionais sem teto, tendo as enxurradas levado lavouras e, com estas, a camada de humus formada por milênios, restando aos infelizes lavradores apenas áreas estéreis de sub-solo. Sessenta famílias haviam ficado ilhadas pela total destruição da estrada, cuja reconstrução levaria de 5 a 6 semanas.

Helicóptero da FAB foi providenciado para levar viveres àquelas pessoas que estavam passando privações. A feclúria pioneira do Vale do Itajaí, nas proximidades da foz do ribeirão Encano, pertencente à firma Lorenz, por quem foi introduzida essa indústria no nosso país, constituindo, hoje, a fécula um dos principais produtos de exportação do nosso Estado, sofreu graves prejuízos, avaliados em milhões de cruzeiros. Foi atingido tanto o maquinário quanto a produção armazenada e destruída também a sua cooperativa, arruinadas as vastas plantações de mandioca de sua propriedade em várias partes do Vale do Itajaí.

Ocorrência trágica verificou-se na nossa cidade, no beco Tallmann, baixos do Garcia, onde uma família foi surpreendida quando sua casa já fluía, procedendo-se à evacuação com o auxílio

de soldados do 23 R.I. A mulher alcançou ainda uma canoa para a qual o marido lhe passou quatro dos seus oito filhos. Arrastada pela correnteza, parte da casa desmoronou-se e o homem, com uma criança ao colo, foi atirado à torrente que lhe arrebatou o filho dos braços, conseguindo, ele próprio, escapar com grande custo. Vendo um funcionário da "Artex" nos fundos desta fábrica, passar destroços da casa, com 3 crianças gritando em desespero, atirou-se ao turbilhão fervilhante, puxando um menino pelo braço. O redemoinho formado pela resistência dos pilares da frente levou o cidadão arrojado para o fundo, perdendo aí o controle sobre a criança que segurava. Tal era a fúria das águas que ele foi atirado ao campo do Amazonas E.C., invadido pela massa barrenta que destruiu a cerca e, parcialmente, a sede do clube, como fez desmoronar o prédio, de construção sólida, da cooperativa da Empresa Garcia. Agarrado a uma árvore ficou ele clamando por socorro, enquanto a chuva continuava a cair e as águas a subirem. Depois de uma ação de salvamento, tentada por dois homens, e que fora mal sucedida com o naufrágio da bateira, agarraram-se eles também a uma árvore, conseguindo depois um cidadão, com grande prudência e coragem, tirar o Sr. Leyendecker e seus salvadores da crítica situação em que os três se encontravam.

Um soldado do 23.º R.I., Moacir Pinheiro, de 19 anos de idade, foi a sexta vítima Blumenauense da catástrofe de 31 de outubro, sendo as outras: o jovem maquinista Pedro Mello, casado, pai de duas crianças, com o terceiro filho por nascer e as quatro crianças da família Alcício Teixeira — Laureci, Lauri, Victor e João de Deus, de 11, 9, 4 e 1½ anos respectivamente. Além desta tromba d'água, de conseqüências tão desastrosas, sofreu Blumenau a cheia do Itajaí Açu, com centenas de famílias com as suas casas inundadas, muitas delas, especialmente nos bairros operários, com todos os pertences perdidos. Muitos desses moradores não sabem para onde ir, pois os vizinhos estão na

mesma situação e assim também os parentes.

Os bairros de Fortaleza, Vila Nova e as transversais das ruas Alvim Schrader e Pastor Hesse, no início do bairro do Garcia, bairro da Velha e outras zonas urbanas ficaram ilhados. As chuvas foram torrenciais em toda a extensão do perímetro urbano. Fortes torrentes, quase cascatas, desciam dos morros, caindo violentamente sobre os telhados, abrindo muros e anteparos. Animais domésticos não resistiam à violência desses córregos, até patos e marrecos morreram afogados, tendo sido encontrados, mais tarde, em vários locais, em grande número.

Todo o centro da cidade, inclusive a rua 15 de novembro, entre a alameda Rio Branco e rua Floriano Peixoto até a praça Curt Hering, no Bom Retiro, ao início do Garcia, ficou alagado. Assim também outros bairros residenciais e a rua S. Paulo. Pequenas indústrias, instaladas em porões tiveram que evacuar, às pressas, o seu maquinário e acessórios. Os serviços de evacuação e salvamento foram feitos sistematicamente, com a cooperação de elementos do 23.º R.I., cujo contingente é posto à disposição da população em postos bem organizados, como também soldados do destacamento local do Corpo de Bombeiros, os quais atenderam, como sempre e em todas as circunstâncias, com a melhor boa vontade e eficiência.

Não deixa a inundação, apesar disso, de resultar em inevitáveis prejuízos com a paralisação de todas as atividades comerciais e industriais, com graves reflexos na economia pública e particular, com a falta de produção e a destruição das lavouras.

Verificaram-se ainda temporais nos dias 1.º e 2 de novembro nos vales dos afluentes do sul, oeste e norte, que formam o Itajaí Açu. Calcula-se que, se as águas dessas chuvas atingissem Blumenau ao mesmo tempo, o nível das águas teria alcançado 14 ou 15 metros acima do normal. Tivemos, pois, como bem diz o ditado: "muita sorte na desgraça"... Ocorreu, entretanto, o estacionamento das águas por muitos dias, agravando o flagelo. Principal-

mente na região baixa dos rios Itajaí Açu e Mirim ficaram casas submersas durante uma semana inteira, permanecendo a comunicação rodoviária entre Blumenau e Itajaí interrompida também durante 7 dias. Felizmente, desta vez não ocorreram os desabamentos do barranco do rio, à margem direita, em nossa cidade, que tantos danos causaram de outras feitas, nos prédios situados à rua 15, lado direito.

Em situação bem pior à da nossa cidade, encontrou-se a nossa vizinha Brusque. Sem elementos de informações técnicas, com que contamos, graças, principalmente, à Empresa Fôrça e Luz Santa Catarina e sem o precioso auxílio de unidade do Exército e do Corpo de Bombeiros não pôde contar senão com os próprios recursos para socorro às vítimas do flagelo. A tromba d'água, aliás, foi um fenômeno de todo excepcional. A cidade de Brusque foi apanhada de imprevisito pela fúria das águas. Zonas jamais sujeitas às cheias comuns do Itajaí Mirim foram invadidas antes que se pudessem tomar medidas de prevenção. Casas comerciais e outros estabelecimentos perderam estoques completos de fazendas, calçados, de gêneros os mais diversos. A água lamacenta que invadiu a cidade estacionou por vários dias, deixando, no seu recuo, espessa camada de lodo nas ruas e quintais, verificando-se erosões calamitosas. Uma senhora, com o filhinho ao colo, morreu afogada quando a bateira que a transportava, virou.

As localidades de São João Batista e Tijuquinhas, no vale do rio Tijucas sofreram prejuízos incalculáveis. O proprietário da maior indústria açucareira do Estado, perdeu toda a produção armazenada, além de grandes prejuízos nos prédios da usina.

As casas abandonadas às pressas por muitas famílias, com todos os pertences, ficaram submersas durante dias. Muitas pessoas ficaram ilhadas, tendo helicópteros da FAB operado ali também em bem sucedidas operações de socorro.

Relevantes serviços prestaram, durante a calamidade, as empresas de radio-difusão em expedien-

te de transmissão permanente, durante dias e noites a fio, informando e comunicando, franqueando seus microfones a mensagens particulares entre as diversas cidades flageladas.

Grande mérito cabe, da mesma forma, aos rádio-amadores, tendo um deles, já durante a noite de 31 de outubro, conseguido comunicação com o palácio do governo de São Paulo, resultando no envio de um helicóptero, já no dia 2 de novembro, pelo governador Carvalho Pinto, trazendo vacinas anti-tíficas e contra a varíola, o qual, aqui em Blumenau, pousou no pátio do Colégio Santo Antônio.

Os boletins informativos das nossas emissoras foram retransmitidos para outras cidades e todo o país tomou conhecimento do grande flagelo.

O governador do Estado veio estudar pessoalmente a situação nas zonas flageladas, já a 3 de novembro. O presidente João Goulart, de regresso de São Borja, sobrevoou a região das enchentes no dia seguinte. Pousando em Itajaí, debateu o assunto com as autoridades locais, providenciando auxílios e os meios de prevenção para o futuro, concertando, com o governador Celso Ramos, medidas nesse sentido.

A 12 de novembro chegou a Blumenau o ministro da Viação e Obras Públicas, Sr. Virgílio Távora acompanhado dos parlamentares eleitos pela zona, presente também o sr. governador do Estado e prefeitos dos vários municípios da bacia do Itajaí, ou representantes.

A 27 do mesmo mês, visita-nos também o engenheiro Carlos Krebs Filho que comparece a uma reunião dos prefeitos regionais para ventilar também providências que deveriam ser tomadas, tendo publicado, a esse respeito, na imprensa local, uma série de artigos.

A ação de assistência aos flagelados de Blumenau foi admirável. Firms grandes e pequenas se esmeraram em recolher e distribuir socorros imediatos, doando gêneros e roupas aos necessitados, pon-do à disposição destes os seus empregados e veículos. Prefeitura e Câmara, pelos respectivos dirigen-

tes, Hercílio Deeke e Abel Avila dos Santos, foram incansáveis no atendimento a tudo quanto pudesse concorrer para diminuir a gravidade do flagelo e o perigo dele decorrente para a segurança das famílias e dos indivíduos.

Instituiu-se a "Campanha de Assistência aos Flagelados", presidida pelo benemérito dr. Marcílio João da Silva Medeiros, por longos anos juiz de direito da Comarca, agora desembargador. Grande número de senhoras encabeçaram subscrições de donativos, prestando outros grandes serviços na distribuição de auxílios.

Só aqui em Blumenau os auxílios em dinheiro alcançaram a soma de Cr\$ 661.027,00, incluídas importâncias como Cr\$ 300.000,00, oferta de um anônimo, 50.000,00 do sr. Paulo Werner, presidente da Eletro Aço Altona etc., tendo contribuído até pessoas humildes com donativos vultosos.

O governo do Estado mandou 800 quilos de leite em pó; Joinville contribuiu com 5 toneladas de mantimentos e agasalhos. De Pommeroda vieram 4 caminhões com gêneros alimentícios; a Prefeitura de Indaial mandou 200 quilos de conservas. Instituições e firmas de outras cidades do Estado e do país trouxeram-nos a sua valiosa contribuição.

2.000 famílias foram atendidas pela "Campanha de Assistência aos Flagelados".

O levantamento procedido pela Prefeitura, dos prejuízos sofridos pelo município em seu patrimônio público e particular, dá a soma de mais de 70 milhões de cruzeiros.

Mesmo que o governo federal cubra esse prejuízo, a produção perdida não se recuperará jamais e os prejuízos causados pela paralização do movimento comercial e industrial não deixarão de ter reflexos muito sérios na vida econômica da Comuna, do Estado e do país, tal como a deficiência de uma peça, por ínfima que seja, atinge o mecanismo inteiro de um aparelho ou de um empreendimento.

Por vezes os contratemplos são estímulo para nossas iniciativas. Enquanto as energias pessoais de um grupo ou de um povo sobreviverem, nada estará perdido.



Neste clichê aparece parte da rua Angelo Dias (antiga 4 de fevereiro), no centro urbano, inundada pelas águas do Itajaí, na grande enchente que em fins de outubro e princípios de novembro deste ano causou enormes sobressaltos à população e prejuízos superiores a 70 milhões de cruzeiros à economia do Município. Vê-se um dos helicópteros que foram enviados a Blumenau para tomarem parte nas operações de socorros e salvamento nos bairros invadidos pelas águas. Foi a maior enchente nestes últimos 50 anos. No artigo que estampamos nesta edição, a nossa colaboradora C. Barreto nos dá uma idéia da enorme extensão da catástrofe. Devemos essa foto à gentileza do Sr. Alfredo Wilhelm, proprietário do Foto Universal, de Blumenau.



## BRUNO HERING

GERTRUD G-HERING

Quase todos os blumenauenses de então o conheceram como “Onkel Bruno”, ou, simplesmente, “Onkel”.

Foi o irmão mais moço de meu pai e seu sócio e companheiro já na Alemanha. A firma denominava-se, como posteriormente aqui também, “Gebrüder Hering” (Irmãos Hering).

Ele nos fôra como um segundo pai, principalmente quando êste aqui permanecera, por mais de um ano e meio, ocupado com as construções iniciais do seu empreendimento, confiando, aos seus cuidados, a família que ficara na Alemanha e que êle, posteriormente, acompanhara ao Brasil.

Acompanhara, sim, porque êle viera com a idéia de retornar à Europa. A idéia, porém, logo se dissipara. Notara, de imediato, as possibilidades que aqui se lhe ofereciam e o seu espírito prático vislumbrou, num instante, as providências a tomar para superar as dificuldades do comêço.

A enchente de 1880, verificada mal se haviam passado 14 dias da nossa chegada, trouxe consigo uma porção de problemas e tio Bruno não teve mais tempo para pensar no seu retôrno à velha pátria.

Tomou a si parte ingente da construção da empresa à qual, assim, com meios reduzidos, mas próprios, progredia, lenta mas seguramente.

Graças à força hidráulica de que dispunha o terreno, recentemente adquirido no Bom Retiro, o empreendimento desenvolveu-se com maior rapidez e tio Bruno sentiu o espírito aliviado (o espírito, apenas,

não as mãos) para poder ocupar-se de outros assuntos e problemas ligados à agricultura.

Verificou as deficiências da colônia, os entraves antepostos ao seu progresso e pensou nos meios de removê-los, tais como encontrar mercados suficientes para absorverem a sua produção. Assegurou a solidariedade de alguns colonos mais adiantados e mais progressistas e pôz-se em contáto com uma firma — se não me falha a memória, de Pôrto Alegre — solicitando a remessa de prospectos de máquinas para a instalação de uma indústria de laticínios. (A manteiga que os colonos manipulavam em casa, ficava logo rançosa no verão, por falta de frigorífico para o leite e êste era vendido por preço muito baixo. O único comprador era, geralmente, o vendeiro que o industrializava, mas, assim mesmo, sem poder conseguir uma manteiga excelente no verão. O leite e a manteiga não traziam dinheiro algum ao colono, de vez que a venda era sempre feita na base de troca por outras mercadorias).

O plano de Onkel Bruno era oferecer oportunidade aos colonos de obterem o melhor preço possível pelo leite e de tomarem parte nos planejados empreendimentos. O projeto foi pôsto em execução. Então as edificações não eram tão caras como agora e já havia também colonos suficientemente abastados para enfrentar o necessário à construção do estabelecimento.

Esqueci-me de dizer que a idéia dos laticínios nascera da “Volksverein”, da qual Onkel Bruno fôra um dos fundadores, assim também como da Caixa Agrícola. Onkel era o mentor daquela sociedade, assim como da “Culturverein”, igualmente.

Sob a administração de um certo senhor Pressers, indicado pela firma onde fôra adquirido o maquinário, levantou-se o prédio e as máquinas fôram montadas.

Entretanto, as coisas saíram de maneira diferente da esperada. As máquinas não funcionavam bem, especialmente a de fabricação de gelo; soube-se que haviam mandado máquinas velhas, o que, entretanto, não posso afirmar ser, ou não, verdade. Em todo o caso, a empresa não pôde começar regularmente as suas atividades e eu não sei como se saiu a firma vendedora das máquinas.

Isso foi um golpe para os associados, especialmente para Onkel Bruno, como autor do projeto. Não foi caso para desanimá-lo, porém; tornou-o, antes, mais cauteloso.

Aos domingos, geralmente, êle partia a cavalo para o interior da colônia, conversava com os colonos mais experientes e de maior conhecimento e chegou a fundar com êles uma cooperativa, na qual êsses colonos tomavam parte. Êsse empreendimento também entrou a funcionar. Ignoro, entretanto, o tempo de sua duração.

Nesse meio tempo, tio Bruno encontrara-se com um certo senhor Heuer que tinha as mesmas idéias a respeito de reforma social e ambos discutiram plano de como imigrantes pobres pudessem, da melhor forma, ser auxiliados nos primeiros meses após a sua chegada. E concluíram que o meio mais acertado de ajudá-los era pôr-lhes à disposição terra para trabalharem a qual êles pudessem ir pagando, aos poucos, com êsse trabalho. Dentro de breve tempo poderiam êles tornar-se proprietários do seu lote.

Não sei como sucedeu que, para execução desse plano fôsse escolhida a região do Morro do Baú. Onkel Bruno adquiriu ali uma grande extensão de terras, de colonos que lha ofereceram por pretenderem mudar-se dali (provavelmente lá se sentiriam muito solitários) e Heuer, ao quanto sei, foi encarregado por tio Bruno da direção do estabelecimento. Não demorou muito e lá se estabeleceram os primeiros imigrantes alemães.

As poucas casinhas existentes fôram reformadas e eu acredito que Heuer foi quem se encarregara de recrutar os imigrantes, pois Onkel Bruno era por demais ocupado para cuidar ainda desse mister. É certo que êle planejara tudo, mas as terras situavam-se a grande distância para que pudessem ser por êle freqüentemente visitadas.

Para que os imigrantes recém chegados tivessem logo algum ganho, Onkel Bruno determinou a roçada e melhoramento do velho caminho e quando novos contingentes chegaram da Alemanha, foram feitos, nas baixadas, canteiros para a plantação de arroz. Cultivou-se cana de açúcar, pois Onkel Hering instalara um engenho, que foi adquirido por um colono; instalou-se uma escola e também uma venda e de ambas o próprio sr. Heuer cuidava.

Mas, apesar de todo o empenho, as coisas não progrediam. A gente simples, com idéias bem primitivas, não podia compreender as finalidades do conjunto; não podia crer, essa gente, que houvesse alguém tão despreendido, tão abnegado, capaz de dispendir tanto dinheiro na execução de uma idéia altruística, sem ter em mira a obtenção de lucros. Talvez acreditasse que estava sendo explorada, ou, quem sabe, imaginara encontrar no Brasil o sonho do El Dorado onde pombos já assados lhe viessem à bôca.

Fôsse como fôsse, o fato é que se combinaram os colonos e apresentaram-se com as suas queixas perante Onkel Bruno. Êste, então, ia aos domingos (nos dias de semana não tinha tempo) de carroça até Luiz Alves, transpunha o rio e, por caminhos íngremes, marchava até o destino, muitas vêzes acompanhado de seu sobrinho Max Hering, o qual lhe era excelente auxiliar.

Mas, tio Bruno viu logo que a sua obra social não teria futuro nas bases em que fôra lançada. Heuer era um idealista, mais fantasioso que prático. Não restava a Onkel Bruno senão encontrar um outro administrador que soubesse orientar melhor os colonos e mantê-los num rumo mais eficiente. Fôram dois os homens que êle empregou. Criou-se ainda uma olaria bem primitiva.

Quando Onkel Bruno acreditou, afinal, poder ter um pouco de tranqüilidade, estava ainda enganado. Agora eram os dois inspetores que lhe alternavam reclamações e, sempre aos domingos, quando êle mais precisava de bem merecido repouso.

Mas, bem raramente Onkel Bruno se enraivecia; procurava resolver todos os problemas com calma e boa vontade.

Êle também não esquecia, apesar de tôdas as contrariedades sofridas, de pensar nos trabalhadores da sua fábrica. Organizou para êles uma biblioteca, com empréstimo de livros e, uma vez por semana, à noite, organizava no refeitório uma sessão de leitura, levando consigo cartuchos de bonbons para agradar aos ouvintes. Mas o sucesso não

foi duradouro. Além de algumas das moças mais idosas, ninguém mais aparecia e minha mãe tinha razão quando lhe repetia: "Es ist ja doch vergeblich, sie wollen nicht". Isso era o título de um livro que versava idéias sociais semelhantes.

Os domingos, quando Onkel Bruno gostava de ler bons livros, eram geralmente estragados pelas queixas dos inspetores ou dos colonos, ou então, tinha êle que ir até lá para resolver os problemas *in loco* e manter a ordem. Nada lá funcionava bem. O único boi carreiro que ainda existia e que teve que ser empregado no amassador de barro da olaria, com sua força selvagem tinha desconjuntado tôda a aparelhagem que precisava agora de grandes reparos; na venda, os colonos haviam feito dívidas que não poderiam pagar mais; enfim, só dissabôres e aborrecimentos.

E apesar de tudo isso, tomava êle parte ativa nas sociedades de que fôra o principal fundador; influiu para que a Associação Comercial providenciasse a fundação da Telefônica, etc.

Acrescente-se a isso tudo o seu interêsse pela silvicultura. Não havia morro alto demais que êle não escalasse para observar, quando se fazia mister, as condições para a arborização de determinadas áreas com plantas a elas apropriadas. Isso sem prejuízo das suas atividades na fábrica, na tinturaria, onde êle se especializara, e onde ensinava a outros. Tinha gôsto em ensinar. E como aqui ainda não havia escola alemã, êle e mamãe eram os nossos mestres. E, enquanto papai se nos apresentava como pessoa a quem olhávamos com respeito e a quem obedecíamos de boa vontade, Onkel Bruno era o nosso orientador e amigo, nosso auxiliar em muitos dos nossos afazeres de crianças.

Tinha profundo senso de justiça e muitos oprimidos chegavam-se a êle, como a um juiz, pondo-o ao corrente das suas questões e não fôram poucas as vêzes que, pela sua interferência, as partes se conciliaram.

A morte surpreendeu-o em meio ao seu trabalho.

Parece-me ver ainda tio Bruno quando, naquele 24 de junho, um dia bem frio de inverno, esfregava as mãos e dava pequenos saltos para esquentar-se.

"Um belo dia!" exclamou-me êle, ao passar por diante da nossa casa e seguiu adiante. Vinha da fiação que distava uns 400 metros da nossa morada. Como depois nos contaram, estava êle no patamar da escada da grande sala, percorrendo-a com o olhar, como costumava fazer, antes de entrar. Dez minutos depois da observação que me fizera, veio a notícia que êle estava morto. Êle chegara a entrar na sala de jantar da nossa casa para tomar o seu leite do pequeno almôço quando caiu debruçado sôbre a mesa. Êle deve ter morrido instantâneamente. Para nós, foi como se tivéssemos perdido o nosso pai pela segunda vez. Desaparecera o último do velho tronco dos Herings.

Ao ser transportado o caixão fúnebre, caiu dêle um prego niquelado que eu ajuntei e conservo até hoje. Dei o nome de "Baú" a êsse prego, pois eu acredito piamente que o Baú fôra realmente um prego para o seu ataúde.

Sim, depois de sua morte foi ainda um problema a pequena colônia do Baú. Ela entrara em franca decadência, estava praticamente liquidada quando tio Bruno morreu. E, agora, ninguém poderia mais cuidar dela, que só trouxera prejuízos. Estes alcançavam já a cifra dos 100 contos de réis, antes do falecimento de Onkel Bruno.

O que isso significava, pode-se bem imaginar quando se souber que toda a construção da fiação, naquele tempo não custara mais do que aquela soma.

Mas não fôra bem o dinheiro perdido que o desiludira profundamente, mas a incompreensão daquela gente que não soubera vislumbrar os verdadeiros propósitos que o haviam animado na organização do empreendimento.

Que fazer, então, com os terrenos abandonados? Dividí-los e vendê-los? Essa idéia não nos era nada simpática. Desejavamos, isso sim, era não saber mais nada de tudo aquilo, apesar de que continuou constando, por muitos anos ainda, nos nossos livros de escrituração.

Por fim, foi resolvido doá-los ao hospital de Itajaí. Mas, para isso, teria que ser paga uma enorme soma em escrituras e sisas etc. Isso fêz gorar o intento. De repente, aparecem compradores. E a enorme área foi vendida por um preço irrisório, só para nos vermos livres dela.

E assim se acaba a obra social de Onkel Bruno que tão esperançosamente tivera comêço.



**A**s palmeiras que ainda se encontram em frente ao templo da comunidade evangélica de Blumenau foram plantadas pelo sobrinho do Dr. Blumenau, sr. Victor Gaertner, em 22 de setembro de 1868, no dia anterior ao do lançamento da pedra fundamental do mesmo templo e cuja construção já estava bem adiantada.

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação e orientação de J. Ferreira da Silva

### ASSINATURAS:

Por 12 números .....	Cr\$ 200,00
Número avulso .....	25,00
Número atrasado .....	35,00

Redação e administração:

Rua Augusto Severo, 822  
Caixa Postal, 2675  
CURITIBA — Paraná

Em Blumenau :

Representante: Frederico Killian  
Caixa Postal, 425

# ÍNDICE GERAL DO 4.º TOMO (1961)

O ITAJAÍ MIRIM — Almirante Lucas A. Boiteux .....	1
O NOVO GOVERNO DE BLUMENAU — Redação .....	9
BRINDES AOS "CADERNOS" .....	10
NONAGENÁRIA ILUSTRE — D. <sup>a</sup> Augusta Abry .....	11
BLUMENAU PITOESCO .....	14, 46, 63, 146 e 218
A "CULTURVEREIN" — Frederico Killian .....	15
ADMINISTRADORES DE BLUMENAU — Cap. Antônio Martins dos Santos	17
João Gomes da Nóbrega .....	25
Germano Beduschi .....	47
Alberto Stein .....	67
J. Ferreira da Silva .....	89
Dr. Afonso Rabe .....	116
Alfredo Campos .....	131
Bruno Hildebrand .....	155
Frederico Busch Jor. ....	197
Hercílio Deeke .....	217
Dr. Gerhard Neufert .....	229
ENCHENTES DE BLUMENAU — Quadro cronológico .....	18
ACONTECEU... - C. Deeke Barreto 19, 38, 58, 78, 99, 119, 139, 159, 199, 219,	239
BOTANICOS NO BISSECULAR "CAMINHO VELHO" — Pe. Raulino Reitz	21
FLAGRANTES À MARGEM DA HISTÓRIA DE RIO DO SUL — Victor Lucas	26
A LOJA MAÇÓNICA "ZUR FRIEDENSPALME" — K. Prober .....	30
A "GUITARRA" — A. Aichinger .....	32
MEMÓRIAS DE UM IMIGRANTE ARTEZÃO — Peter Schelle .....	34
PRIMÓRDIOS DA PARÓQUIA DE GASPAR — Pe. Ernesto Emmendoerfer	41
UM ESCULTOR EM ITAJAÍ — Arnaldo Brandão .....	44
VOLUNTÁRIOS DO 55.º B.C. ....	45
ESTANTE DOS "CADERNOS" .....	46, 80, 90, 104, 130, 146, 186 e 212
O POETA PADRE JACOBS .....	48
FIGURAS DO PASSADO: João J. de Souza Medeiros .....	49
Felipe Doerck .....	76
Paulo Schwartzer .....	167
UM DOCUMENTO IGNORADO — Dr. H. Koch .....	53
BOA RESPOSTA .....	57
ALGO SÓBRE FRITZ MÜLLER — Gertrud G-Hering .....	61
IMPRUDÊNCIA OU DESTINO? — Cristiana D. Barreto .....	64
PARA O NOSSO ARQUIVO .....	66, 211
O CENTENÁRIO DE GASPAR — Redação .....	69
FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS DO VALE DO ITAJAÍ — C. D. Barreto .....	72
AINDA A FUNDAÇÃO DE ITAJAÍ — J. Ferreira da Silva .....	74
SÃO PEDRO APÓSTOLO DE GASPAR — Sebastião Cruz .....	81

CENTENÁRIOS DE 1961 .....	85
GLORIOSA TRADIÇÃO — Frei Ernesto Emmendoerfer .....	86
O "CAMINHO VELHO" — C. Deeke Barreto .....	91
COMO NASCEU UMA PRINCESA — Victor Lucas .....	93
A FUNDAÇÃO DE SÃO BENTO DO SUL — Carlos Ficker .....	96, 156, 164, 191
FRITZ MÜLLER E OS SAMBAQUIS — Hitoshi Nomura .....	101
RETRATOS DO PASSADO .....	103
A PRIMEIRA PROFESSÓRA DE BRUSQUE — Redação .....	105
HÁ CEM ANOS ATRÁS .....	110
SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE .....	114
ITAJAÍ NO PASSADO .....	116
FIGURAS DO PRESENTE — Genésio Lins .....	117
O PRIMEIRO VIGÁRIO DE GASPAR .....	119
APONTAMENTOS DE JÚLIO BAUMGARTEN .....	121
DONA RÖSE GÄRTNER — Gertrud G-Hering .....	127
POR UM TIRO DE SAL — C. Deeke Barreto .....	132
PRIMÓRDIOS DO ENSINO PRIMÁRIO EM BRUSQUE — Ayres Gevaerd .....	133
UM ESTABELECIMENTO EXEMPLAR .....	137
CANÇÃO DO EXÍLIO — Jorge Knoll .....	138
NOVAMENTE O "CAMINHO VELHO" — Pe. Raulino Reitz .....	141
O 75.º ANIVERSÁRIO DA COMARCA — Frederico Kilian .....	144
FRANÇOIS D'ORLEANS, PRÍNCIPE DE JOINVILLE — Carlos Ficker .....	147
A VIDA DE BLUMENAU HÁ 60 ANOS — Oto Stange .....	150, 214 e 222
EMPRESA FORÇA E LUZ SANTA CATARINA .....	154
A CONSTRUÇÃO NAVAL EM ITAJAÍ — Almirante Lucas A. Boiteux .....	161
AS NOSSAS REPARTIÇÕES PÚBLICAS .....	163
MORADORES DE BLUMENAU EM 1857 .....	170
FATOS GEOLÓGICOS DE AZAMBUJA — Pe. Raulino Reitz .....	174
EWERT VON KNORRING — Dr. Carlos Ficker .....	181
GUERRA DE CRIANÇAS — Alice von Moers .....	183
QUADRO DE DESTÊRRO — Pel. Raulino Reitz .....	185
CERVEJARIAS DE BLUMENAU — Afonso Schmude .....	187
O QUE A MINHA AVÓ ME CONTOU — Curt Klein .....	189
OS FUZILADOS DA REVOLUÇÃO DE 93 .....	194
EXCENTRICIDADES DE SÁBIO — C. D. Barreto .....	195
FRITZ MÜLLER — Osvaldo R. Cabral .....	201
HONROSOS CONCEITOS .....	210
CURIOSIDADES DO PASSADO .....	216
NATAL — ANO NOVO .....	221
LA MAISON DE JOINVILLE — Carlos Ficker .....	225
A GRANDE ENCHENTE DÊSTE ANO — C. Deeke Barreto .....	230
BRUNO HERING — Gertrud G-Hering .....	234



# BOAS FESTAS

# FELIZ ANO NOVO

**COMPANHIA DE CIGARROS**

**SOUZA CRUZ**

Rua Amazonas, 2500 — Blumenau

**KURT PRAYON**

Rua Hermann Hering, 1125

**GÁFICA 43 S/A**

Cx. postal, 90 — Blumenau

**SUL FABRIL S/A**

Caixa postal, 243 — BLUMENAU

**HOTEL REX**

Rua 7 de setembro — Blumenau

**PREFEITURA MUNICIPAL**

ITAJAÍ — Sta. Catarina

**AUTO-MECÂNICA ALFREDO**

**BREITKOPF**

Caixa Postal, 343 — Blumenau

**CASA WILLY SIEVERT**

Rua 15 de Novembro, 1526

**INDÚSTRIAS GERAIS CÁSSIO**

**MEDEIROS S/A**

Blumenau — Santa Catarina

**ARTEX S/A**

Cx. postal, 10 — Blumenau

**MÓVEIS FOLLONI**

Rua Barão do Rio Branco, 149

CURITIBA — Paraná

**COMPANHIA CATARINENSE**

**DE SEGUROS GERAIS**

**MALHARIA MAJU S/A**

Cx. postal, 150 — Blumenau

**COMPANHIA HEMMER**

**INDÚSTRIA E COMÉRCIO**

Caixa postal, 169 — Blumenau

**TRANSPORTADORA**

**BLUMENAUENSE S/A**

Rua Sete, 1596 — Blumenau

**PÁTRIA — COMPANHIA BRASI-**

**LEIRA DE SEGUROS GERAIS**

ITAJAÍ — Sta. Catarina

**CASA PEITER**

Rua 15 de novembro, 563

**SOCIEDADE AMIGOS DE**

**BRUSQUE**

BRUSQUE — Sta. Catarina

**CAMARA MUNICIPAL**

de

**BLUMENAU**

**CASA BUERGER**

Rua 15 de novembro, 505

Caixa postal, 48 — **ITAJAI**

**INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE**

**MADEIRAS S/A**

**FÁBRICA DE GAZES MEDICINAIS**

**CREMER S/A**

Caixa postal, 80 — **Blumenau**

**ELETRO-AÇO ALTONA S/A**

Caixa Postal, 30

**FÁBRICA DE TECIDOS CARLOS**

**RENAUX S/A**

**BRUSQUE** — **Sta. Catarina**

**BOAS FESTAS**  
**PRÓSPERO**  
**ANO NOVO**

**SOCIEDADE BENEFICIADORA**

**DE MADEIRAS LTDA.**

Rua Nereu Ramos — **Blumenau**

**COMPANHIA FÁBRICA DE PAPEL**

**ITAJAI**

**ITAJAI** — **Sta. Catarina**

**SOCIEDADE COMERCIAL CATA-**

**RINENSE**

**Casa Brueckheimer**

**BLUMENAU** — **Sta. Catarina**

**"REPORTER FILATÉLICO"**

Monsenhor Celso, 128

**Curitiba** — **Paraná**

**PORCELANA SCHMIDT S/A**

**POMERODA** — **RIO DO TESTO**

**EMPRESA INDUSTRIAL**

**GARCIA S/A**

Caixa postal, 22 — **Blumenau**